

Nostalgia e império

Política e emoções coletivas

JACQUES A. WAINBERG

Resumo: Este estudo histórico e comparado examina o impacto que a *nostalgia* tem no clima de opinião pública das populações dos antigos estados imperiais, entre eles a Rússia, a França e a Inglaterra. Eles buscam agora de várias maneiras recuperar o prestígio internacional e a influência política que tinham e que foram perdidos com a libertação de suas ex-colônias. Alguns atores se bastam com o ativismo simbólico formando alianças com parceiros, em especial os que partilham com a antiga metrópole a mesma base etnolinguística e uma memória. Noutros casos, a opção é a guerra.

Palavras-chave: nostalgia; império; comunicação simbólica; emoções; identidade.

Nostalgia and empire: politics and collective emotions

Abstract: This historical and comparative study examines the impact that nostalgia has on the public opinion climate of the populations of the former imperial states, among them Russia, France and England. They now seek in various ways to regain the international prestige and political influence they used to have in the past but lost with the liberation of their former colonies. Some actors are satisfied with symbolic activism by forming alliances with partners, especially those who share with them the same ethnolinguistic base and memory. In other cases the option is war.

Keywords: nostalgia; empire; symbolic communication; emotions; identity.

1 Introdução

Recebido em 11/7/22
Aprovado em 12/12/22

Este artigo estuda o impacto que a *nostalgia* dos antigos impérios tem no ambiente político internacional. Essa relação entre as emoções

humanas e as relações internacionais está bem estabelecida. Sentimentos como a humilhação, o orgulho, a honra e o rancor contribuíram ao longo da história para a origem e a propagação de inúmeros conflitos. É o caso agora da *nostalgia*, considerada o sentimento responsável pela *síndrome pós-imperial* (LARSEN, 2020). A memória preservada nos livros e noutras fontes de educação popular contribui para a saudade que os vivos acalentam da fortuna e do prestígio que tinham com seus impérios perdidos.

Faz-se aqui, portanto, uma análise histórica e sociológica comparada das reações atuais de vários povos sobre a experiência imperial de seus Estados. A maneira usual de documentar a vida anímica é a análise de discurso (KINGSEPP, 2018). No entanto, as manifestações coletivas são mais complexas porque são espelhadas. O que para uns é sagrado para outros é pecado. Essas diferenças de valores tornam as relações dos grupos tensas e por vezes violentas.

Realçar a *nostalgia* como aspecto relevante das relações internacionais é mostrar essa dimensão psicológica das nações que se enfrentam não só em defesa de seus interesses objetivos como também motivadas por princípios, pelo medo recíproco e por cálculos afetivos disfarçados de racionalidade. Os *policy makers* gostam de justificar seus movimentos no tabuleiro da política internacional como *payoff*, um termo utilizado na teoria dos jogos para mostrar matematicamente a lógica presumida de suas ações diplomáticas, políticas e militares (GOLDGEIER; TETLOCK, 2001; KERTZER; TINGLEY, 2018; PURSIANEN; FORSBERG, 2021).

2 O caso da Rússia

Nostalgia é estar em dois lugares ao mesmo tempo, no presente e no passado. Exemplo grave é o que resultou do ocaso da União Soviética. O controle da Crimeia pelos russos em 2014 e a invasão da Ucrânia em 2022 foram os primeiros sinais dirigidos por Moscou às 14 ex-repúblicas soviéticas de que a independência obtida a partir de 1991 pode ser revertida.

Há mal-estar e tensão entre a Rússia e a Estônia, a Letônia e a Geórgia. Em 2022, esses países temiam o retrocesso e o conflito. O mesmo aconteceu nas relações de Moscou com os antigos aliados como a Polônia, a Lituânia, a Moldávia, a Romênia e outros países que integraram o Pacto de Varsóvia.

Em 2022, o desejo do Kremlin era manter firme o controle de sua área de influência constituída pelos territórios da Armênia, do Azerbaijão, da Bielorrússia, do Cazaquistão, do Quirguistão, da Moldávia, do Tadjiquistão, do Turcomenistão e do Uzbequistão. Esses países são membros da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) constituída após a derrocada soviética em 1991. A Geórgia integrou-se à CEI em 1994, mas

retirou-se da entidade em 2008. O país vive desde então um relacionamento conflituoso com Moscou, que apoiou a independência de seus territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul. Os ossetianos do sul uniram-se aos ossetianos do norte, que vivem numa república autônoma dentro do território russo.

Novo conflito político emergiu com a Ucrânia em 2022. Era a última cena de uma crise antiga na qual a independência desse país foi mal digerida pelos russos. O desejo de parcela significativa da população ucraniana de aliar seu país à Europa Ocidental e aos seus valores liberais fomentou a crise de 2013 e 2014 na qual o governo pró-soviético de Viktor Yanukovych foi deposto pela população.

Está claro agora que ressurgiu das cinzas como um fantasma a conhecida Guerra Fria. A luta dos russos é outra vez por poder imperial. Isso significa dizer subserviência e vassalagem dos países vizinhos aos seus interesses. As ações da Rússia almejam modificar a ordem mundial definida na atualidade como *Pax Americana*. Suas ações no Cáucaso e noutros lugares, como é o caso da Síria, objetivam mostrar que há agora uma nova-velha potência que deve ser levada em conta nos cálculos estratégicos dos atores políticos.

A faceta ideológica desse embate evoca agora não mais o comunismo, mas a identidade eslava, a oposição ferrenha dos tradicionalistas russos ao *laissez-faire* do liberalismo, a forte oposição da Rússia à Otan e aos EUA e a defesa do conservadorismo do cristianismo ortodoxo. Cabe esclarecer que definir-se como ortodoxo tornou-se desde a governança de Bóris Yéltsin parte da identidade nacional russa, apesar de o número de observantes estritos permanecer entre 10 e 12% da população do país.¹

O pan-eslavismo é recurso doutrinário desse coquetel ideológico. Faz parte das mensagens que Moscou dispara na direção dos búlgaros, dos sérvios, dos croatas, dos eslavo-macedônios, dos eslovenos, dos bósnios e dos montenegrinos. Esse mesmo artifício, o de unir populações com a mesma base etnolinguística de diversos Estados com o objetivo de consolidar uma forte aliança política, é aplicado por inúmeros movimentos em várias partes do mundo. Entre eles estão o pan-africano, o pan-árabe, o pan-americano, o pan-europeu, o pan-islâmico, o pan-indígena, o pan-asiático e o panturquismo também conhecido como neo-otomanismo. Exemplo adicional é o pan-iranismo que almeja fortalecer sua relação com os ossétios, com os curdos, com os zazas (que vivem na Turquia), com os tadjiques (que vivem espalhados no Afeganistão, no Tajiquistão, no Uzbequistão), com os pashtuns e com os balúchis (que vivem no Afeganistão e no Paquistão). Todos eles são etnicamente persas.

Vladimir Pútín e seu fiel escudeiro Aleksandr Dúgin, o principal ideólogo do movimento tradicionalista russo, costumam afirmar que o desaparecimento da União Soviética foi um momento dramático e trágico da história do país. Descrevem a ocorrência como uma catástrofe. Esse sentimento é compartilhado por um número crescente de cidadãos russos e de Estados vizinhos que demonstram simpatia pela URSS e *nostalgia* da figura de Stálin, personagem amaldiçoado no Ocidente, mas que simboliza o de que os russos mais sentem falta agora – orgulho nacional, prestígio e um regime capaz de impor aos vizinhos a sua vontade pelo medo (POLL..., 2013).

Esse elemento psicossocial explica a simpatia pela política nacionalista de Pútín. Ela é uma resposta ao persistente luto pelo desaparecimento do império soviético. Dados de 2018 mostram que 66% da população russa

¹ A avaliação é da socióloga Natalia Zorkaya, do Levada-Center (CHURCH..., 2022).

lamentavam esse desenlace (BALMFORTH, 2018). Em agosto de 2021, 47% gostariam de ver o atual presidente reeleito após 2024.

Quadro

Clima da opinião pública na Rússia

		19/5/2021
Os EUA e a Otan são os responsáveis pela crise com a Ucrânia		48%
É a Ucrânia a responsável		20%
É a Rússia a responsável		10%
	7/1996	12/2021
A Rússia está no caminho certo	32%	48%
	12/2003	11/2021
Minha atitude aos EUA é positiva	75%	45%
	12/2003	11/2021
Minha atitude à Comunidade Europeia é positiva	72%	48%
	1/2000	12/2021
Aprova o governo russo	39%	49%
		12/2021
Você está preocupado com as sanções políticas e econômicas do Ocidente contra a Rússia?	Muito preocupado	13%
	Preocupado	19%
	Um pouco preocupado	31%
	Não está preocupado	35%
	2016	2021
As relações da Igreja Ortodoxa Russa com a Igreja Católica sob a liderança do papa Francisco são boas	58%	31%
	2016	2022
As relações entre a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica são normais	57%	44%
	18/1/2018	21/9/2021
Definitivamente sou democrata	9%	12%
Sim, sou democrata	32%	32%
Não sou democrata	27%	27%
Definitivamente não sou democrata	11%	20%
Não sabe	21%	10%
		20/10/2021
Sou de esquerda	Definitivamente sim	6%
	Sim	12%
	Não	36%
	Definitivamente não	36%
	Não sabe	10%

	11/2000	8/2021
Tenho admiração por Pútín	4%	8%
Tenho simpatia por Pútín	31%	21%
Não posso dizer nada de ruim sobre ele	36%	27%
Posição neutra	11%	16%
Cautela	11%	7%
Não posso dizer nada de bom sobre ele	4%	9%
Tenho antipatia por Pútín	1%	4%
	11/2014	8/2021
Não sei se a Rússia está isolada internacionalmente	8%	5%
Definitivamente não está isolada	13%	11%
Não está isolada	32%	27%
Sim, está isolada	33%	39%
Definitivamente está isolada	14%	18%
	5/2016	1/2020
A Rússia deve tratar o Ocidente:		
Como inimigo	7%	5%
Como rival	24%	29%
Como aliado	55%	44%
Como amigo	4%	13%
Não sei	7%	10%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do Levada-Center (ATTITUDE..., 2022; INTERNATIONAL..., 2021).

A presença de populações etnicamente russas em vários países da região alimenta a solidariedade da metrópole com essa gente e vice-versa. Esse argumento foi utilizado por Moscou para justificar a invasão da Crimeia e para se apossar desse território que fez parte da Rússia até 1954. Na Ucrânia a população etnicamente russa opôs-se à aproximação do país com o Ocidente e rebelou-se em apoio à invasão dos conterrâneos de além-fronteiras. Nesse jogo de influências e de interesses, a identidade cultural dos etnicamente russos desempenha papel decisivo. Devido à simpatia por Moscou, são vistos como quinta-coluna, uma acusação que se fazia em várias partes do mundo contra comunidades de expatriados alemães durante a Segunda Guerra.

Os cidadãos russos ecoam igualmente o sentimento de orgulho por seu passado histórico, em especial pelo *glamour* da vida dos Romanov que governaram a Rússia por 300 anos. Os palácios dos antigos czares são visitados por multidões. Os cidadãos do país prezam em especial a Pedro, chamado *o Grande* (1672-1725) por ter modernizado a Rússia. Para ter contato com o mundo ocidental, ele vagou 18 meses pela Europa fingindo ser marinheiro. Trabalhou como carpinteiro num estaleiro da Holanda. Aprendeu a retalhar gordura de baleia. Estudou anatomia e cirurgia. Visitou museus e galerias de arte. É uma história épica que emociona os russos.

3 Outros impérios e a mesma saudade

Noutros ambientes prolifera o mesmo sentimento de *nostalgia*. É o que acontece na França, onde políticos como François Fillon e Marine Le Pen recordam com orgulho a obra imperial do país em vários continentes. Existe também a *melancolia pós-colonial*, um caso mais grave que a *nostalgia* por ser uma tristeza crônica sem cura (GILROY, 2005). Foi o que aconteceu com os *ped-noirs*, cerca de um milhão de franceses que se tinham estabelecido na Argélia e que acabaram deportados em 1962 após a independência do país. Essa saudade de quem lamenta a saída da África tem sido chamada de *nostalgérie*. Ela é cultivada na obra de vários autores, como Albert Camus.

Na Grã-Bretanha, a saída da zona do Euro decidida em plebiscito em 31/1/2020 foi interpretada pelo partido UKIP (de extrema-direita) como oportunidade para recuperar não só a soberania política inglesa perdida para os europeus como também para aproximar Londres de suas antigas colônias na África e noutros lugares. Esse sentimento é compartilhado pelo Partido Trabalhista.

Essa posição nacionalista era defendida em 2022 pelo então primeiro-ministro Boris Johnson. O desejo de todos é recuperar o que os britânicos denominam *British greatness* (MARTILL, 2017), prédica comum nos discursos de Winston Churchill. Pensam que a vida de antigamente era melhor 63% dos britânicos (SHAFAK, 2018). Em 2016, 44% da população tinham orgulho da história colonial britânica.² Três anos depois, 30% dos ingleses diziam que suas antigas possessões estavam em melhor condição econômica e social dentro do império inglês.³ Uma parcela significativa de britânicos diz que gostaria de ver o país outra vez com colônias (MITCHELL, 2021).

O *glamour* da corte, o império e a vida dos monarcas são temas frequentes de sua programação cultural. Filmes e séries como *Gandhi* (1982), *A Passage to India* (1984), *The Far Pavillions* (1984), *The Coronation* (2018), *Viceroy's House* (2017), *Victoria & Abdul* (2017), *The Jewel in the Crown* (1984) e *Lawrence of Arabia* (1962) celebram a glória do antigo e grande império inglês. O lamento pelo desaparecimento do império de 300 anos foi amenizado com a criação do *Commonwealth*. Em 1922, o poder da Grã-Bretanha chegou ao auge com o domínio de um quinto da população do mundo e um quarto do seu território – a despeito das incessantes rebeliões que desafiaram seu controle, algo que começou em

²Dados coletados igualmente por YouGov.

³Dados coletados por YouGov, que entrevistou 1.684 adultos entre 10 e 11 de junho de 2019.

1776 com os colonos norte-americanos e que continuou depois em vários continentes.

Exemplos de marcadores remanescentes desse passado imaginado agora como glorioso são o anglicanismo, que se espalhou pelo mundo, e os mercenários *gurcos* recrutados pelos ingleses no Nepal. Esta força militar reproduz em solo britânico o que os franceses fazem com seus legionários estrangeiros. Outra marca simbólica é a figura mítica de James Bond, personagem utilizado pela mídia como relações públicas do império inglês. Em todos esses casos a *nostalgia* atua como força política que almeja o *revival* de uma época sepultada pela história.

As casas reais mantêm viva a recordação preservando o que restou daquele prestígio. É o que se vê não só na Grã-Bretanha obcecada com seus monarcas como também em lugares como o Japão, apesar de muitas das ações desses países imperiais terem sido genocidas em várias ocasiões em muitos lugares. O famoso *Relatório Casement* divulgado em 1904 por Roger Casement, um ex-diplomata irlandês, documentou os assassinatos, as mutilações, os sequestros e a tortura cometidos contra os nativos do Congo pela empresa privada do rei belga Leopoldo II. Ela dominou aquele território a partir de 1885 (RAJA, [2020]; CASEMENT..., [2009]). Morreram cerca de 10 milhões de pessoas sob sua governança. Assassinatos massivos foram cometidos também pelos britânicos, que suprimiram à força a rebelião dos Mau-Mau no Quênia – a organização que surgiu entre os Kikuyus, um grupo étnico local, que lutou contra o colonizador europeu entre 1952 e 1963. Cem mil africanos morreram no conflito, cerca de mil entre os 320 mil prisioneiros foram executados e outros milhares foram torturados – no que a autora Caroline Elkins denominou *British Gulag* (MAU..., [2013]; ELKINS, 2005). Roger Casement acabou preso e fuzilado em 1916 por ter mobilizado as forças rebeldes da Irlanda

contra a Grã-Bretanha (REMEMBERING..., [2020]).

Para muitos saudosistas, o império inglês significava honra e poder para a metrópole. Não é acaso o fato de Margareth Thatcher ter recebido o epíteto de *dama de ferro* em 1976 por sua decisão de lutar contra o comunismo ao lado de Ronald Reagan e pouco depois, em abril de 1982, por decidir manter a ferro e fogo o domínio britânico nas ilhas Falklands expulsando dali os argentinos.

A Turquia sob a liderança de Recep Tayyip Erdoğan é outro caso em que a *nostalgia* exerce influência na política de um governo, algo chamado nesse caso de *otomania*: o que está em jogo é o lamento pelo fim do império otomano em 1922. São muitos os sinais políticos e simbólicos desse desejo de resgate da honra perdida.

Ertuğrul Osman, herdeiro do trono otomano, foi expulso da Turquia em 1923 e viveu até os 97 anos num pequeno apartamento em Manhattan. Em setembro de 2009, durante seu funeral na Mesquita Imperial de Sultanahmet de Istambul, milhares de enlutados prestaram-lhe as últimas homenagens. Muitos beijaram as mãos dos sobreviventes de sua dinastia. Era um sinal modesto da reabilitação do apreço popular pelo antigo império.

Marcador adicional desse prestígio é a decisão tomada em 2015 pelo presidente do país de introduzir nas escolas a língua do antigo regime. Trata-se de uma versão do turco que utiliza a escrita árabe, abolida em 1928 por Mustafá Kamal Atatürk. Exemplo adicional de resgate da estima pelo império otomano foi o retorno da catedral de Santa Sofia à sua condição prévia de mesquita. Ela foi construída no século VI durante a era Bizantina e transformada em mesquita pelos otomanos após a conquista de Constantinopla em 1453.

Erdoğan realiza o sonho de seu mestre, o pensador e poeta Necip Fazıl Kısakürek (1904-

1983), que desejava bloquear a ocidentalização dos turcos. Na visão do atual regime, a Turquia é a continuação do império otomano de outrora. A mídia do país reforça esse sentimento com sua programação de filmes e de dramas que tratam da temática sob a perspectiva neo-otomana. Foi o caso da novela *Resurrection: Ertuğrul* (2014-2019), narrativa situada no alvorecer do império no século XIII. Outro sinal dos novos tempos é a decisão do Estado turco de espalhar tropas em Chipre, Líbia, Iraque, Síria, Catar, Somália, Afeganistão e na região dos Bálcãs. É a maior operação militar da Turquia no exterior desde a queda do seu império.

4 Hungria, Áustria e Japão

Na Hungria ressurgiu o sonho de recriar a velha pátria. O reino da Hungria é cantado em verso pela banda *Kárpátia*, que o descreve como um paraíso perdido. O mapa do seu território é o logotipo utilizado pelos fãs no culto que fazem ao grupo musical. Na Áustria o movimento monarquista Aliança Branco-Amarela, fundado em 2004, almeja restaurar a monarquia hereditária. Quer recuperar a glória imperial do seu antigo e vasto território, que incluía a Eslováquia, a Eslovênia, a Croácia e a República Tcheca. Nesse e noutros movimentos o nacionalismo étnico e o expansionismo territorial andam juntos. Eles ganharam vigor na repulsa militante de grupos políticos aos refugiados que chegaram do Oriente Médio a países como a Hungria, Polônia, Itália e Alemanha. Em decorrência dos conflitos e da globalização econômica, as diásporas cresceram em número e tornaram-se mais diversificadas, ampliando o mercado da saudade, da memória, do culto à pátria e aos antepassados.

O rico patrimônio cultural e histórico do Japão oferece ao povo inúmeras fontes de apre-

ciação. Elas estimulam a *nostalgia* de movimentos que buscam fortalecer a identidade nacional da população. Processo inverso à colonização de territórios estrangeiros, que levaram ao exterior quase dois milhões de japoneses, está agora sendo aplicado pelo governo de Tóquio devido à baixa natalidade de sua população. O debate sobre a nacionalidade japonesa é hoje tópico controverso em função da necessidade estratégica de inverter o declínio e o envelhecimento da população do país. Esse fator contribui para a *nostalgia* nacionalista que recorda a homogeneidade étnica do passado. O Japão precisa atrair 20 milhões de pessoas até a metade do século XXI para posicionar-se como potência regional (SAKANAKA, 2005; AKASHI; OGAWA, 2008), e a chegada de 370 mil imigrantes das comunidades japonesas do Brasil e do Peru faz parte desse processo de reabilitação.

Reação japonesa contrária à ocidentalização do país tomou impulso a partir de 1890, período conhecido como *restauração Meiji*, quando o desenvolvimento do Japão se inspirou nos avanços da sociedade europeia. Superou dessa forma o Xogunato, o sistema político que imperara no período medieval. Alguns militantes tradicionalistas recusaram então a energia elétrica numa atitude similar à dos luditas europeus. Outros se posicionaram em favor do boicote dos produtos chegados de além-mar (STARRS, 2011). Nos anos seguintes o monarca se tornou a principal fonte de poder político do país. O Japão rompeu a partir daí seu isolamento de 250 anos e aplicou uma política desenvolvimentista. Tornou-se gradativamente imperial. Invadiu os territórios de Formosa, da Rússia e da China. A Coreia seria anexada em 1910. Esses conflitos e o controle de territórios estrangeiros só acabaram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a derrota do Japão sob Hirohito, imperador entre 1925 e 1989.

Esse é o período mais lembrado pelo movimento *retro* japonês atual. Essa atitude cultural envolve várias iniciativas que também nesse caso romantizam o passado distante. Foi o caso do filme *Always: Sunset on Third Street* (2005). Empreendimentos comerciais deram impulso à onda de saudade que abate na atualidade a geração dos *millennials* japoneses. Eles acompanham com interesse a disputa de narrativas sobre o passado do país, um tema também frequente nos currículos escolares (MILLS, 2020).

5 Iugoslávia, RDA, África do Sul, Mongólia e China

Outro exemplo é a *iugonostalgia* (EUROPEANS..., [2008]), sentimento cultivado nas ex-repúblicas da Iugoslávia (Bósnia e Herzegovina, Croácia, Macedônia do Norte, Montenegro, Sérvia e Eslovênia), país que existiu entre 1945 e 1991 (BILEFSKY, 2008). *Titoísmo* é o nome que se dá à saudade do seu dirigente, o marechal Tito. O apelo da *iugonostalgia* e do *titoísmo* manifesta-se na música e noutros artefatos simbólicos. O que está em jogo é o orgulho pelo que existia – o socialismo, o multiculturalismo e a projeção internacional do país.

Sentimento similar ocorre no território da antiga República Democrática Alemã (RDA). Ele é chamado de *Ostalgie*, a saudade do Leste – tema do filme *Good Bye Lenin!* (2003). Livros, documentários, programas de TV e a moda acompanham a tendência de recordar a vida da antiga Alemanha Oriental. É intenso o comércio artesanal feito pela internet de produtos da antiga RDA.

Algo parecido move os africanos conservadores da África do Sul que consomem as mensagens divulgadas pela Rádio Pretória (SWARNS, 2002). Sua programação é dirigida aos que lamentam o desaparecimento do *apartheid* (PRETORIA FM, c2018).

O antigo império mongol, o segundo maior da história depois do britânico, é hoje lembrado nas estátuas construídas em homenagem a Gêngis Khan (1162-1227). Sua figura é o principal ícone do imaginário cultural dessa população dividida entre a Mongólia e o norte da China. Seu rosto está gravado em cédulas de dinheiro e garrafas de vodka.

Como era de se esperar, o embate cultural atingiu a Mongólia Interior, que pertence à China. Os protestos contra os chineses surgiram provocados pelo medo dos nativos de perderem a língua mongol. Pequim exigiu em 2021 a introdução do chinês nas escolas locais como língua oficial. Revolta contra a decisão apareceu também do outro lado da fronteira, na Mongólia “oficial”, onde a população demonstrou seu rancor frente à embaixada de Pequim. A Mongólia Interior é o último reduto da escrita tradicional do mongol vertical. O que a China deseja agora é a progressiva

assimilação desse grupo e das outras 55 minorias à matriz cultural da etnia Han (91,2% da população do país), uma medida que almeja fortalecer a unidade nacional e a harmonia cultural de sua população.

As novas gerações de chineses foram educadas a celebrar a memória da unidade territorial do país obtida durante cinco dinastias e durante dois milênios. Por isso mesmo a secessão de Taiwan é um abalo emocional que desafia a política externa da China. Seu nacionalismo não admite a independência da ilha rebelde. Unidade nacional tornou-se um tema grave. Isso também explica a vocação autoritária do regime comunista. Ele teme a desagregação política de seu imenso território e de sua população de 1,4 bilhão de pessoas.

A melancolia abateu também os *retornados*, o nome que se dá aos estimados 500 mil colonos estabelecidos em Angola e Moçambique e noutros lugares do império português que voltaram à metrópole em 1974 (PERALTA, 2021). A saudade é cultivada intensamente na internet, na música popular, na vasta produção de livros sobre o tema (MEDEIROS, 2011), no cinema (FAULKNER; LIZ, 2016) e noutras manifestações artísticas.

Não é acaso o fato de o ex-ditador Antônio de Oliveira Salazar ter sido escolhido em 2007, no programa *Os grandes portugueses*, a maior personalidade da história do país, com o apoio de 41% dos 159.245 votos dos telespectadores. Ele foi um dos maiores entusiastas do império construído a partir de 1415 com o controle de Ceuta e que terminou em 1999 com a devolução de Macau à China. A *nostalgia* dessa jornada de expansão marítima é evocada no Monumento aos Navegantes, o mais importante de Lisboa, construído em 1940, à beira do rio Tejo. O antigo império português é agora produto da imaginação coletiva (VECCHI, 2020; RIBEIRO, 2002).

Embora o fado tenha nascido no século XIX e não tenha relação direta com as colônias, sua melodia é considerada um hino à *nostalgia* (FRYDBERG, 2012). É um lamento à fatalidade do destino (MOURA, 2007). Esse canto está acompanhado de perto pela música sacra, pelos cantos litúrgicos, pelo *negro spiritual*, pelo tango, pelo jazz, pela tradicional *chanson* francesa, pelas músicas natalinas e por melodias nativistas, como a *long song* da Mongólia.⁴ Todos evocam no ouvinte a saudade de um tempo, de uma terra e de uma língua (GALBINGGA GROUP, [2010]; М.ДҮТЭРЦҮРЭН..., 2016). O motivo da *nostalgia* cantada nos versos varia.

O ativismo simbólico tem sido o instrumento predileto dessas manifestações de saudade. Quando esse tipo de comunicação cresce e ultrapassa

⁴Ela é assim chamada porque é longa e cada sílaba é pronunciada lentamente. Uma música de quatro minutos pode ter somente dez palavras.

certo limiar, chega-se ao próximo estágio, o do ativismo político. Exemplo é a Catalunha. A vida cultural pode não ser suficiente para expressar o desejo de recuperar a pátria ou de evitar o desaparecimento de uma língua – caso também dos grupos franceses que lutam para manter vivos dialetos locais como o occitano. Surge, pois, a violência, algo que não acontece na França, mas que ocorre no País Basco.

Varia o tempo de cada etapa (a da militância simbólica, a do ativismo político e a da rebelião armada). A comunicação simbólica perdura em todas as fases, pois sem ela as demais etapas não aconteceriam. Existe também o caminho inverso como o exercido pelos zapatistas que recuaram da guerra. Eles se bastam agora com o ativismo cultural e com a militância política realizada nas cercanias de Oaxaca e de Chiapas.

6 A retroproia e o poder do passado

O slogan criado por Donald Trump – *Make America Great Again*, utilizado em sua campanha política à presidência dos EUA – evoca o sentimento de parcela da população e de muitos pensadores e comentaristas de que o país está perdendo sua posição de liderança no mundo. Os críticos a denominam *imperialismo*, termo cuja conotação é negativa e que se parece à denúncia do *colonialismo* europeu.

É possível, no entanto, distinguir os dois termos, pois o império norte-americano que ainda persiste não colonizou territórios – algo que aconteceu, por exemplo, na Índia, na Austrália e na América do Norte com os britânicos; com os portugueses que enviaram imigrantes à África, à China e à América; com os franceses que povoaram o norte da África e a Indochina; com os holandeses que se deslocaram para o nordeste do Brasil; e com os italianos que colonizaram a Líbia entre 1911 e 1943.

Os emissários norte-americanos são homens e mulheres armados que faziam e ainda fazem valer os interesses internacionais de Washington. Isso acontece desde que a expansão norte-americana começou no século XIX com a expulsão dos espanhóis de Cuba e com o controle das Filipinas, e perdurou até 1946. Os EUA anexaram os territórios do reino do Havaí em 1898 e do Texas mexicano em 1845 antes de iniciar nesses locais um movimento imigratório significativo. Tal distinção explica por que inexistem nos EUA a *nostalgia* colonial que abate agora os russos em sua investida militar sobre a Ucrânia.

A saudade da antiga glória ocorre igualmente com os militantes do Estado Islâmico e com outros grupos islamitas (como a Irmandade Muçulmana) que desejam unir a *umma* para restaurar o califado. Ele surgiu originalmente com Abu Bakr após a morte de Maomé em 632. A *nostalgia* islamita realça agora com orgulho a obra dos califados seguintes, o Omíada e o Abássida. Eles impulsionaram as conquistas árabes ao incorporarem à zona de influência do Islã regiões do Cáucaso, do Paquistão, do norte da África e da península Ibérica – um território estimado em 15 milhões de quilômetros quadrados, o quinto maior da história. O desejo islamita quer ainda acertar as contas com o destino reconquistando a Andaluzia perdida pelos mouros aos reis cristãos da Espanha.

Há também a nostalgia reversa. É um sentimento que aparece quando os libertos dos impérios percebem frustrados os golpes e contragolpes promovidos pelos novos dirigentes da pátria. Em algumas ex-colônias a situação social piorou após a obtenção da liberdade política, mesmo na Argélia, que enfrenta um conflito civil há décadas. As novas gerações frustradas começam, então, a lamentar a saída dos antigos donos da terra idealizando o império e a vida colonial. Esse sentimento ocorre em países como a Líbia, a Síria e o Líbano. Foi sentido na

África portuguesa, que permaneceu envolta em guerra civil por longo período de tempo. O *retro* é recurso simbólico que aparece no retorno das modas, nos filmes de época, nos festivais *folk* (ULVERSTON..., 2017), no culto ferrenho das pessoas à tradição e aos ritos e na amnésia e percepção seletiva que escolhe símbolos de prestígio e afasta os que denigram a reputação da pátria e dos antepassados.

Os príncipes e as rainhas são deificados por serem símbolos de um tempo que perdura graças a vários artifícios de comunicação. As marcas do império podem ser vistas nas largas avenidas e nos palácios, museus e prédios majestosos de Roma, de Viena, de Berlim, de Londres, de Istambul, de Budapeste, de Paris, de Washington, de Madrid, de São Petersburgo, de Tóquio e de Moscou. O culto ao passado aparece nas telenovelas, na prática da publicidade, do consumo e do turismo.

Ou seja, o efeito da memória que celebra a experiência imperial é o oposto do que transparece na descrição crítica que abomina a era colonial. A primeira recorda e lamenta o poder global perdido ao longo da história, ao passo que a segunda denuncia seus crimes – a fome na Índia, os campos de detenção, os massacres causados pelas tropas de ocupação, o comércio de escravos como o praticado pela Grã-Bretanha até 1807. Os críticos ponderam que a faceta moderna do imperialismo é cultural. Os fortes dominam os fracos por meio do *soft power*. Recursos simbólicos são utilizados intensamente pelos Estados para deixar uma marca no imaginário coletivo dos estrangeiros.

Ao contrário da *saudade*, que se resolve com o encontro, a *nostalgia* perdura no tempo, já que não é possível viver uma época que se perdeu para sempre. Esse luto é recurso que serve aos fins da estimulação política: ele permite à pessoa idealizar um tempo imaginado como perfeito. Atores políticos com frequência se valem dessa emoção coletiva para impor sua ambição expansionista.

7 Conclusão

O presente não existe porque o tempo é fluxo contínuo. Pessoa alguma sabe quando começa o futuro. Somente o passado vale porque ele está fixado nos documentos e nos livros de história e não muda. Esse fato explica o poder da memória e das narrativas de encantamento sobre o tempo remoto.

Modificar o entendimento sobre o passado significa abandonar certas premissas – uma atitude difícil, pois ela implica mudança de valores e de enquadramento dos fatos, algo bem descrito na abordagem teórica do cognitivismo (SANTOS, 2019). Esse grau de dificuldade que vale para a pessoa vale também para as nações.

A pessoa pode modificar seu comportamento ajustando o pensamento sobre os dias que se foram. Esta é, em última instância, a função da psicoterapia. Tal medida é mais complexa quando o que está em jogo é a memória coletiva. Cada grupo age de certa forma porque entende a história de uma maneira. A consequência é o embate entre as narrativas. Uma substitui a outra com o passar do tempo a depender de quem vença a disputa interpretativa. É o que acontece com as revoluções que sempre começam como ativismo retórico. Os rebelados alteram o significado dos vocábulos e, dessa maneira, os sentimentos que as palavras evocam.

Resulta que a *nostalgia* é uma emoção individual e coletiva. Os povos também sentem que algo ficou perdido no caminho. Esse sentimento atingiu os viajantes das grandes navegações, as que duravam meses e anos com as relatadas por Homero na *Odisseia* e por Luís de Camões em *Os Lusíadas*. A saudade de Roma e principalmente da Grécia tornou-se característica da vida intelectual do século XIX. O filelismo foi cultuado por Friedrich Nietzsche e por seu amigo Richard Wagner, entre muitos outros pensadores da Europa.

Os povos sublimam, reagem de certa maneira a traumas coletivos, recalcam e enlouquecem (HOWELL, 2011). Lutam para recuperar o que consideram ser um tesouro escondido nas trevas do tempo. Por ser invisível aos olhos, esse andar em marcha à ré tem aparência mágica porque o que está em jogo é intangível. É o que ocorre com o nacionalismo e com as ideologias antimodernas que almejam recuperar o estilo de vida bucólico, intimista, coletivista e natural das comunidades primitivas de outras eras.

O termo é útil para explicar o ranger de dentes dos russos contra a Ucrânia. Pressupunha-se em 2022 que havia algo concreto e visível na queixa russa de que o país estava sendo ameaçado pelo expansionismo ocidental. Ocorre que a alegada racionalidade dos cálculos políticos não é suficiente para explicar a decisão de Moscou de reativar a Guerra Fria.

Cabe lembrar, a propósito, que a Otan andava desorientada e em crise de identidade. Os generais dessa aliança militar costumavam perguntar – quem é o nosso inimigo na Europa depois do fim do Pacto de Varsóvia? Onde está a ameaça? Graças à renovada vocação imperial da Rússia e ao desejo de Pútin de reabilitar o prestígio internacional do país, eles sabem agora a resposta.

Este relato comparado mostrou a relação entre a política internacional e as emoções humanas. O tema não é novo e tornou-se popular com a emergência do campo da psicologia política. Ele surgiu aos poucos nos escritos clássicos de Aristóteles, Tucídides, Hobbes e Maquiavel, entre outros autores. O realista Hans Morgenthau destacou o medo. Outros autores realçam a confiança. Adorno, atormentado pelo nazismo e pelo fascismo, tratou da personalidade autoritária. Os marxistas abominam a ambição e a humilhação de classe.

A psicologia política como área de estudos insinuou-se nos escritos sobre a psicologia das

multidões de Gustave Le Bon, que ainda no século XIX abordou o efeito perverso que as massas humanas têm sobre o comportamento dos indivíduos. Freud não se furtou ao tema ao escrever *O mal-estar na civilização*.

Destaque foi dado à *nostalgia*, muito embora outros sentimentos se combinem nas crises políticas e militares. Este estudo pode ser enquadrado também na ampla temática do que se convencionou chamar *emoções políticas* (NUSSBAUM, 2015). Embora esse tratamento das relações internacionais contrarie os analistas pragmáticos rotulados de *realistas*, aqui se afirma que as emoções subjazem às decisões dos atores usualmente descritos como frios e calculistas.

Assim, como forma de reparar o mal eventualmente produzido por esse tipo de julgamento descrito como *realpolitik*, surgem os rituais de pacificação e de reconciliação, a encenação do minuto de silêncio, o rufar dos tambores e o pedido de desculpas pela euforia desmedida e as iniciativas terapêuticas que tentam remediar a hostilidade mútua e os preconceitos que perduram com frequência para sempre. Tais rituais de aconchego valem-se de uma simbologia amorosa cujo objetivo é apagar da memória os cálculos mal feitos baseados na inveja, no medo, no rancor, no orgulho ferido e na *nostalgia* entre outras emoções coletivas. É assim que anda a história que valoriza sobremaneira os generais, seus atos heroicos e mortais, muito embora o que acaba restando dessas experiências trágicas é o abalo intergeracional. É o que se vê até hoje com as consequências ainda visíveis da Segunda Guerra Mundial.

Kissinger (1999) costumava dizer que as decisões de política exterior deveriam basear-se exclusivamente em avaliações de poder e de interesse nacional. Ocorre que esses termos são vagos: eles também dependem da subjetividade humana.

Sobre o autor

Jacques A. Wainberg é doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; professor titular dos programas de graduação e pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil; pesquisador do CNPq.
E-mail: jacqalwa@pucrs.br

Como citar este artigo

(ABNT)

WAINBERG, Jacques A. Nostalgia e império: política e emoções coletivas. *Revista de Informação Legislativa: RIL*, Brasília, DF, v. 60, n. 238, p. 147-163, abr./jun. 2023. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/60/238/ril_v60_n238_p147

(APA)

Wainberg, J. A. (2023). Nostalgia e império: política e emoções coletivas. *Revista de Informação Legislativa: RIL*, 60(238), 147-163. Recuperado de https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/60/238/ril_v60_n238_p147

Referências

AKASHI, Jun'ichi; OGAWA, Naoki. Imin 1000-mannin “iminzoku kokka” e: Tabu ni chosen suru Jiminto Giren. *Shūkan Ekonomisuto*, Tōkyō, p. 68-72, 2008.

ALWAYS: Sunset on Third Street. Direção: Takashi Yamazaki. Produção: Chikahiro Ando, Keiichiro Moriya e Nozomu Takahashi. Intérpretes: Hidetaka Yoshioka, Shinichi Tsutsumi, Koyuki, Maki Horikita *et al.* Roteiro: Takashi Yamazaki. [S. l.]: Nippon TV: Toho, 2005. 1 vídeo (133 min).

ATTITUDE towards countries and their citizens. *Levada-Center*, [s. l.], 16 Sept. 2022. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2022/09/16/attitude-towards-countries-and-their-citizens/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BALMFORTH, Tom. Russian nostalgia for Soviet Union reaches 13-year high. *Reuters*, Moscow, Dec. 19, 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-russia-politics-sovietunion/russian-nostalgia-for-soviet-union-reaches-13-year-high-idUSKBN1O120Q>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BILEFSKY, Dan. Oh, Yugoslavia! How they long for your firm embrace. *The New York Times*, [New York], Jan. 30, 2008. Disponível em: https://www.nytimes.com/2008/01/30/world/europe/30yugo.html?_r=0. Acesso em: 12 dez. 2022.

CASEMENT report. [S. l., s. n., 2009]. 1 vídeo (ca. 2 min). Publicado pelo canal Alex2256. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M0SkMzsN3_4. Acesso em: 12 dez. 2022.

CHURCH and State. *Levada-Center*, [s. l.], 27 Jan. 2022. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2022/01/27/church-and-state/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ELKINS, Caroline. *Britain's Gulag: the brutal end of Empire in Kenya*. London: Jonathan Cape, 2005.

EUROPEANS: Yugo-nostalgia not what it used to be. [S. l.]: EuroNews, [2008]. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal EuroNews. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRAsojQfNWI>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FAULKNER, Sally; LIZ, Mariana. Portuguese film: colony, postcolony, memory. *Journal of Romance Studies*, [Liverpool], v. 16, n. 2, p. 1-11, 2016. DOI: <https://doi.org/10.3828/jrs.2016.160201>. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/journals/id/50/volume/16/issue/2/article/36369>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FRYDBERG, Marina Bay. “O fado que nós cantamos, é a sina que nós seguimos”. Jovens fadistas portuguesas e a emoção como meio de se construírem enquanto artistas. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 11, n. 32, p. 520-556, ago./nov. 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%2011.32.ago2012%20completa%20em%20Word.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GALBINGGA GROUP. *Mongolian long song (Urtiin duu)*. [S. l.: s. n., 2010]. 1 vídeo (ca. 5 min). Publicado pelo canal Batoyun ch. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OPJ1WTF2SDY>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GANDHI. Direção: Richard Attenborough. Produção: Richard Attenborough. Intérpretes: Ben Kingsley, Candice Bergen, Edward Fox *et al.* Roteiro: John Briley, Alyque Padamsee e Candice Bergen. [S. l.]: Goldcrest Films, 1982. 1 vídeo (191 min).

GILROY, Paul. *Postcolonial melancholia*. New York: Columbia University Press, 2005. (The Wellek Lectures).

GOLDGEIER, James M.; TETLOCK, Philip E. Psychology and international relations theory. *Annual Review of Political Science*, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 67-92, June 2001. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.4.1.67>. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.polisci.4.1.67>. Acesso em: 12 dez. 2022.

HOWELL, Alison. *Madness in international relations: psychology, security, and the global governance of mental health*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2011. (Interventions).

INTERNATIONAL relations: August 2021. *Levada-Center*, [s. l.], 10 Sept. 2021. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2021/09/10/international-relations-august-2021/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

KERTZER, Joshua D.; TINGLEY, Dustin. Political psychology in international relations: beyond the paradigms. *Annual Review of Political Science*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 319-339, May 2018. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-041916-020042>. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-polisci-041916-020042>. Acesso em: 12 dez. 2022.

KINGSEPP, Eva. The Second World War, imperial, and colonial nostalgia: the North Africa campaign and battlefields of memory. *Humanities*, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 1-16, Nov. 2018. DOI: <https://doi.org/10.3390/h7040113>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0787/7/4/113>. Acesso em: 12 dez. 2022.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. Tradução de Saul S. Gifter e Ann Mary Fighiere Perpetuo; revisão da tradução de Heitor Aquino Ferreira. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: UniverCidade Ed., 1999.

LARSEN, Svend Erik. A post-imperial stress syndrome or a new beginning? *European Review*, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 102-117, Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1062798719000309>.

LAWRENCE da Arábia. Direção: David Lean. Produção: David Lean e Robert A. Harris. Intérpretes: Peter O'Toole, Omar Sharif, Alec Guinness, Anthony Quinn, Claude Rains *et al.* Roteiro: Robert Bolt e Michael Wilson. [S. l.]: Horizon Pictures: Columbia Pictures Corporation, 1962. 1 vídeo (227 min).

MARTILL, Benjamin. Brexit and UK foreign policy: 'Keeping Britain Great' or 'Putting the Great back into Great Britain'? *In: UCL Europe Blog*. London, 3 Nov. 2017. Disponível em: <https://ucluropeblog.com/2017/11/03/brexit-and-uk-foreign-policy-keeping-britain-great-or-putting-the-great-back-into-great-britain/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MAU Mau do Quênia: a última batalha. [S. l.]: Al Jazeera, [2013]. 1 vídeo (ca. 48 min). Publicado pelo canal Al Jazeera English. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xEwOICbKXcw>. Acesso em: 12 dez. 2022.

М.ДҮГЭРСҮРЭН – ЖИНХЭНЭ МОНГОЛ ЭР. [S. l.]: Mongolia's Got Talent, 2016. 1 vídeo (ca. 7 min). Publicado pelo canal Mongolia's Got Talent. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fz7eRpa_rR4. Acesso em: 12 dez. 2022.

MEDEIROS, Paulo de. No nostalgia. *Luso-Brazilian Review*, [s. l.], v. 48, n. 2, p. 195-201, Dec. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1353/lbr.2011.0047>.

MILLS, Andrew Steven. *Imperial imaginations: constructing Japanese history and memory in the age of empire*. 2020. Thesis (Master of Arts) – Department of East Asian Studies, University of Virginia, Charlottesville, 2020. Disponível em: https://libraetd.lib.virginia.edu/public_view/0c483k20s. Acesso em: 12 dez. 2022.

MITCHELL, Peter. *Imperial nostalgia: how the British conquered themselves*. Manchester: Manchester University Press, 2021.

MOURA, Ana. *Fado loucura (ao vivo no CCB)*. Lisboa: CBB, 2007. 1 vídeo (ca. 4 min). Publicado pelo canal Rita6ouveia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lh9YHtZzHfk>. Acesso em: 12 dez. 2022.

NUSSBAUM, Martha C. *Political emotions: why love matters for justice*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

PASSAGEM para a Índia. Direção: David Lean. Produção: John Brabourne e Richard B. Goodwin. Intérpretes: Judy Davis, Victor Banerjee, Peggy Ashcroft, James Fox *et al.* Roteiro: Santha Rama Rau. [S. l.]: EMI Films Ltd.: HBO: Thorn EMI, 1984. 1 vídeo (164 min).

PERALTA, Elsa (ed.). *The retornados from the Portuguese colonies in Africa: memory, narrative, and history*. New York: Routledge, 2021. (Routledge Studies in Cultural History).

POLL finds Stalin's popularity high. *The Moscow Times*, [s. l.], Mar. 2, 2013. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2013/03/02/poll-finds-stalins-popularity-high-a21998>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PRETORIA FM. Pretoria: Pretoria FM, c2018. Disponível em: <https://www.pretoriafm.co.za>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PURSIANINEN, Christer; FORSBERG, Tuomas. Why does psychology matter in international relations? In: _____. *The psychology of foreign policy*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. p. 1-46. (Palgrave Studies in Political Psychology).

RAJA, Masood. *Heart of darkness: the Casement report*. [S. l.: s. n., 2020]. 1 vídeo (ca. 5 min). Publicado pelo canal Dr. Masood Raja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T2rBfH8qrbg>. Acesso em: 12 dez. 2022.

REMEMBERING Roger Casement. [S. l.]: Sinn Féin, [2020]. 1 vídeo (ca. 6 min). Publicado pelo canal Sinn Féin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSUHatV6nsQ>. Acesso em: 12 dez. 2022.

RESURRECTION: Ertugrul. Direção: Metin Günay. Produção: Kemal Tekden. Intérpretes: Engin Altan Düzyatan, Serdar Gökhan, Hülya Darcan *et al.* Criação: Mehmet Bozdağ. [S. l.]: TRT 1, 2014-2019. 448 episódios.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Empire, colonial wars and post-colonialism in the Portuguese contemporary imagination. *Portuguese Studies*, [s. l.], v. 18, n. 17, p. 132-214, Jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1353/port.2002.0005>.

SAKANAKA, Hidenori. *Nyūkan senki: "zainichi" sabetsu, "Nikkeijijin" mondai, gaikokujin hanzai to, Nihon no kin-mirai*. Tōkyō: Kōdansha, 2005.

SANTOS, Bruno Maciel. Poder, incerteza e heurísticas: contribuições da psicologia cognitiva para o estudo da tomada de decisões nas relações internacionais. *BJIR – Brazilian Journal of International Relations*, Marília, v. 8, n. 2, p. 354-384, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.36311/2237-7743.2019.v8n2.07.p353>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/8344>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SHAFK, Elif. It's not just Europe – toxic imperial nostalgia has infected the world. *The Guardian*, [London], 10 Dec. 2018. Opinion. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/dec/10/nostalgia-for-empires-lost-seductive-dangerous>. Acesso em: 12 dez. 2022.

STARRS, Roy. The anti-modernist backlash: constructing Meiji tradition. In: _____. *Modernism and Japanese culture*. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. p. 37-83. (Modernism and ...).

SWARNS, Rachel L. No ar, a rádio que tem nostalgia do *apartheid*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 123, n. 39.807, 13 out. 2002. Internacional, p. A22. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20021013-39807-nac-22-int-a22-not/tela/fullscreen>. Acesso em: 12 dez. 2022.

THE CORONATION. Direção: Harvey Lilley. Produção: Harvey Lilley. Narração: Keeley Hawes. [London]: Atlantic Productions, 2018. 1 vídeo (60 min).

THE FAR Pavillons. Direção: Peter Duffell. Produção: Geoffrey Reeve. Intérpretes: Ben Cross, Amy Irving, Christopher Lee, Benedict Taylor, Rossano Brazzi *et al*. Roteiro: Julian Bond e M. M. Kaye. [S. l.]: HBO, 1984. 6 episódios (316 min).

THE JEWEL in the Crown. Direção: Jim O'Brien e Christopher Morahan. Produtor: Christopher Morahan. Intérpretes: Peggy Ashcroft, Janet Henfrey, Derrick Branche, Charles Dance *et al*. Roteiro: Paul Scott, Irene Shubik e Ken Taylor. [S. l.]: ITV, 1984. 14 episódios (778 min).

ULVERSTON Retro Rendezvous. Ulverston: Choose Ulverston, 2017. 1 vídeo (ca. 3 min). Publicado pelo canal Trafalgarpr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bZbzX956XGo>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VECCHI, Roberto. A nostalgia colonial no país da saudade: fantasmagorias e pós-memória. *Confluenze: Rivista di Studi Iberoamericani*, [Bologna], v. 12, n. 2, p. 169-181, 2020. DOI: <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/12175>. Disponível em: <https://confluenze.unibo.it/article/view/12175>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VICEROY'S House. Direção: Gurinder Chadha. Produção: Paul Mayeda Berges, Gurinder Chadha e Deepak Nayar. Intérpretes: Hugh Bonneville, Gillian Anderson, Manish Dayal, Huma Qureshi, David Hayman, Michael Gambon *et al*. Roteiro: Paul Mayeda Berges, Moira Buffini e Gurinder Chadha. [S. l.]: Pathé: BBC Films: Bend It Films, 2017. 1 vídeo (106 min).

VICTORIA & Abdul. Direção: Stephen Frears. Produção: Tim Bevan, Eric Fellner, Beeban Kidron e Tracey Seaward. Intérpretes: Ali Fazal, Judi Dench, Eddie Izzard, Adeel Akhtar, Paul Higgins, Michael Gambon *et al*. Roteiro: Lee Hall. [S. l.]: BBC Films: Perfect World Pictures: Working Title Films: Cross Street Films, 2017. 1 vídeo (112 min).